



## Como me Tornei um Estudante Universitário, apesar das Limitações da Deficiência Auditiva Bilateral

*Marcelo Augusto Lima da Silva<sup>1</sup>; Jefferson Falcão Sales<sup>2</sup>*

**Resumo:** Esse artigo é baseado no relato pessoal de um estudante, de Pedagogia, com deficiência auditiva bilateral, dando ênfase aos desafios e superações da pessoa com deficiência no ambiente educacional. Ademais, o presente texto aborda as principais características da deficiência auditiva e suas dificuldades no Ensino Tradicional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, cerca de 10 milhões de pessoas apresentavam deficiência auditiva, representando 5% da população brasileira. Além disso, é possível observar que existem causas biológicas que determinam diferentes níveis de audição, que impactam, diretamente, no desenvolvimento psicossocial e na interação social. De acordo com uma revisão de artigo da deficiência auditiva de alterações genéticas ou mutações no DNA mitocondrial, foi possível observar que, a grande maioria das pessoas com deficiência auditiva apresenta essa condição por causas genéticas. Nesse contexto, será contada a trajetória de um estudante de Pedagogia, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior. Será ressaltado como o teatro mudou completamente sua vida e será mostrado como esse pensamento foi construído apesar das dificuldades de ouvir. Nesse âmbito, a pessoa com deficiência auditiva precisa mostrar as principais barreiras que dificultam sua interação social, promovendo inclusão, identificando crianças com deficiência auditiva e proporcionando estratégias pedagógicas e empoderando sua identidade. Além disso, minha experiência sendo pessoa com deficiência auditiva será essencial para ser futuramente um educador com deficiência auditiva. Apesar das limitações, é possível aprender e educar. Vale destacar a importância da pessoa com deficiência auditiva na formação do professor, motivando outras pessoas com deficiência como também as pessoas que não possuem nenhuma deficiência.

**Palavras-chaves:** Deficiência auditiva, ambiente educacional e fonética.

---

<sup>1</sup> Aluno da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Pessoa com Deficiência Auditiva Bilateral. Email: marcelomato300@gmail.com

<sup>2</sup> Professor da Rede de Ensino do Estado do Ceará. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Email: jefferson.sales@prof.ce.gov.br

## How I Became a College Student Despite the Limitations of Bilateral Hearing Impairment

**Abstract:** This article is based on the personal report of a student of Pedagogy, with bilateral hearing loss, emphasizing the challenges and overcoming of people with disabilities in the educational environment. Furthermore, this text addresses the main characteristics of hearing loss and its difficulties in Traditional Education. According to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), in 2020, around 10 million people had hearing loss, representing 5% of the Brazilian population. Furthermore, it is possible to observe that there are biological causes that determine different levels of hearing, which directly impact psychosocial development and social interaction. According to a review of an article on hearing loss due to genetic alterations or mutations in mitochondrial DNA, it was possible to observe that the vast majority of people with hearing loss have this condition due to genetic causes. In this context, the trajectory of a Pedagogy student will be told, from Elementary School to Higher Education. It will highlight how theater completely changed his life and it will be shown how this thought was built despite the difficulties of hearing. In this context, the person with hearing impairment needs to show the main barriers that hinder their social interaction, promoting inclusion, identifying children with hearing impairment and providing pedagogical strategies and empowering their identity. Furthermore, my experience as a person with a hearing impairment will be essential to being a future hearing impaired educator. Despite the limitations, it is possible to learn and educate. It is worth highlighting the importance of the person with hearing impairment in teacher training, motivating other people with disabilities as well as people who do not have any disability.

**Keywords:** Hearing impairment, educational and phonetic environment.

### Introdução

É possível afirmar que a educação inclusiva trabalha sempre com a ideia de incluir as pessoas com deficiências, no meio social e profissional. Porém, nem todas as escolas conseguem trabalhar nessa concepção inclusiva, atendendo suas necessidades específicas de aprendizagens ou estruturais. Logo, descobre-se que o aluno universitário com deficiência auditiva bilateral pode destruir obstáculos que estejam presentes no ambiente educacional e profissional.

Além disso, meu principal meio de aprender ainda é através da audição, sendo possível haver dificuldades com algumas matérias como por exemplo, História, Português e Filosofia. Segundo Ricardo (2018), incluir as pessoas com deficiência não consiste apenas em colocar rampas, pisos táteis e elevador, mas trabalhar com profissionais capacitado para lidar com todos. Sabe-se que, audição é fundamental para desenvolver a fala, absorver informações, assimilá-las e identificá-las. Porém, a pessoa com deficiência auditiva tem uma taxa reduzida das necessidades fundamentais da audição, logo, é possível identificar

alterações psicossociais por causa disso. Desse modo, a deficiência auditiva pode ser confundida com déficit de atenção e a pessoa com essa deficiência pode ser tida como antissocial. No entanto, a ausência de interação da pessoa com deficiência auditiva, no ambiente social, pode contribuir para alguns transtornos psicológicos devido a sua dificuldade.

Alguns fatores biológicos, acidentais ou hábitos matinais podem contribuir no desenvolvimento da perda auditiva e como essa adaptação funciona ao longo dos anos. É possível desenvolver a leitura labial como ferramenta na construção da fala, do mesmo modo que o tom de voz influencia no processo de interação. Certamente, a língua de sinais contribui no processo de ensino e aprendizagem para surdos e deficientes auditivos. A linguagem de sinais, é uma língua gestual e visual em que a fala é transmitida pelas mãos e a expressão facial, sendo uma língua independente.

O decreto federal nº 5.296, de 2004, determina a principal característica da pessoa com deficiência auditiva baseado na unidade de medida de frequência sonora Hz, sabendo que a distorção da fonética dificulta a abstração de informações e certamente da fala, pois facilmente desconstrói frases devido ao apagamento de letras, devido ao som agudo da frase ou palavra. Nesse processo, o professor precisa estar atento sobre seu modo de ensinar, a fim de não desconstruir o raciocínio do conteúdo.

Além disso, coloco-me diante dessa realidade de como é ser deficiente auditivo e contribuir para a formação do professor e o ser professor com deficiência auditiva. No entanto, quais adaptações seriam fundamentais para inserir a pessoa com deficiência auditiva no ambiente educacional regular, como o professor deve abordar ou estimular o aluno com deficiência auditiva bilateral. Possivelmente, estimular através das artes cênicas pode romper alguns obstáculos psicossociais e contribuir para a aceitação da identidade. Baseado nesse relato, podemos melhorar nossa empatia e compreender a partir do relato da pessoa com deficiência auditiva.

## **Fundamentação Teórica**

Existem fatores biológicos que contribuem para determinados níveis de deficiências auditivas bilaterais. Carvalho e Ribeiro (2002) realizaram alguns levantamentos da origem da Deficiência Auditiva (DA) pois alterações genéticas ou mutações mitocondriais no DNA são hipóteses plausíveis. Segundo Carvalho (2002), descobriram que a deficiência auditiva é uma herança materna. Porém, existem 100 genes responsáveis pela deficiência auditiva. Somente

30 foram mapeados. Nesse contexto, a DA pode se manifestar na infância até a vida adulta com diferentes graus: leve, moderado ou severo. Sendo assim, é possível afirmar que somente o gene materno transmite alterações genéticas para seus filhos. A mitocôndria é uma organela celular que requer muita energia, logo, essa mutação consome duas vezes mais a energia neurosensorial, causando perda de energia para ouvir. Vale lembrar que, quanto menor a energia, maior é a perda auditiva (CARVALHO; RIBEIRO, 2002).

Nesse sentido:

As mutações do DNA mitocondrial são transmitidas pela linhagem materna, mas podem ocorrer mutações espontâneas. O fenótipo, ou expressão clínica, da mutação mitocondrial mutante existente na célula, situação conhecida como heteroplasmia. A mitocôndrias têm função de disponibilizar energia para as células sob a forma ATP (trifosfato de adenosina). Órgãos que requerem grande quantidade de energia são comumente acometidos em casos de mutações do DNA mitocondrial, como células nervosas, musculares, endócrinas, ópticas e auditivas (CARVALHO. RIBEIRO, 2002, p.268).

Segundo Dr. Rômulo, otorrinolaringologista, CRM 39012 SP, ondas sonoras são energia mecânica, que, ao chegar no ouvido, transforma-se em energia elétrica, que é transmitida para o cérebro. Assim, os sons são decifrados pelo cérebro. Dessa forma, ele ressalta a importância de exames precoces da audiometria ou da orelhinha, no intuito de identificar algum grau de surdez. Certamente, se a região neurosensorial da audição não é estimulada, outras funções ou mutações genéticas vão utilizar aquele espaço, usando essa energia para outras funções (SANTA RECEITA, 2020). Lembro meus primeiros dias usando o aparelho auditivo. Foi estranho ouvir tudo ao meu redor. Tive muita dor de cabeça e muito zumbido ao tirar o aparelho, imagine um celular tocando uma música com volume máximo e outro com 50% do volume. Curiosamente, a voz que escuto é igual ao mandar um áudio no WhatsApp, pois o aparelho transforma esse som.

Além disso, existem dois instrumentos prejudiciais que usamos constantemente, cotonete e fone de ouvido, pois a cera é responsável pela proteção do nosso ouvido interno, prevenindo algumas doenças infecciosas, impedindo a entrada de fragmentos ou insetos. Segundo Dr. Rômulo, excesso de cera indica saúde, porém o uso de cotonete pode empurrar a cera bloqueando as ondas sonoras, possivelmente dando a impressão de perda auditiva, quando se trata, na verdade, de acúmulo de cera, próximo ao tímpano. Certamente, uso em excesso do fone de ouvido ao ouvir música ou ver vídeos pode prejudicar seriamente a nossa audição. Usá-los por muito tempo e em alto volume estressa as células da orelha e pode levar, progressivamente, a perdas auditivas que são irreversíveis. Também existem causas virais,

como catapora, caxumba, viroses e outras doenças contagiosas que podem causar perda auditiva. Do mesmo modo, antibióticos fortes podem matar células neurossensoriais, responsáveis pelos sons graves e agudos.

Durante a pandemia, as aulas remotas trouxeram conforto em relação à minha audição, pois era somente a voz do professor em que me concentrava, mas o excesso de fone ouvido causava zumbido irritando os nervos sensoriais. Tenho sensibilidade ou dor de cabeça. Vale ressaltar que zumbido não causa perda auditiva mas a perda auditiva causa zumbido, então, quanto maior a perda, com mais frequência haverá zumbido.

Sabe-se que a pessoa com deficiência auditiva moderada perde células agudas responsáveis pela compreensão da fala, assim ouve, mas não entende. A perda severa é a dificuldade de ouvir e entender, pois não consegue captar ruído nem a fala. Porém, não existe cura para reviver essas células responsáveis pela audição, tornando a perda progressiva. O aparelho auditivo ameniza a ausência da perda, conseguindo promover uma audição saudável.

Além disso, a linguagem é fundamental no desenvolvimento humano, porém as pessoas com deficiência auditiva podem apresentar dificuldades na comunicação. Segundo o IBGE (2020), 10 milhões de pessoas têm algum grau de surdez, representando 5% da população brasileira, dos quais 2,7 milhões são totalmente surdos. Nesse âmbito, a fonética da pessoa com deficiência auditiva é distorcida, pela baixa frequência de captar sons, pois ouvir e identificar determinados sons é possível dependendo do grau. No entanto, compreender determinada fala é a grande dificuldade, à medida que existem palavras similares que podem ser confundidas na interpretação, por exemplo: cor, dor, por, ou ainda, não, jáo, são, entre outros. Vale ressaltar que as células agudas são as responsáveis pela compreensão da fala.

Quando eu tinha 7 anos, comecei a identificar primeiros gatilhos, logo me sentir diferente. Na minha infância, gostava bastante assistir o desenho do Pica-Pau. Seu amigo era um cavalo chamado de “pé de pano”, eu sempre ouvi “pé de fano”. Quando eu falava para meus colegas sobre o “pé de fano”, todos me chamavam de burro. Quando meu professor falou “pé de pano” fiquei sem acreditar. Fui então assistir ao desenho novamente com som alto, e ouvi “pé de pano” e “Fiquei pasmo”.

Segundo a lei, é possível esclarecer os direitos das pessoas com deficiência auditiva e estabelecer um convívio harmônico e acolhedor para todos. Baseado no 4º artigo do decreto nº 5.296, de 2004, inciso II, definiu a pessoa com deficiência auditiva. Segundo a lei, número 10.436 de 2002, da presidência da República, as pessoas com deficiência auditiva devem ter acesso a intérpretes da língua de sinais em órgãos públicos e universidades.

Assim:

4º do Decreto Federal 3.298/1999 é que é considerada pessoa portadora de deficiência auditiva, o indivíduo que possua perda auditiva bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma, na média das frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz.

A Lei 10.436/2002, mais conhecida como Lei de Libras, assegura o direito ao atendimento e tratamento adequado para pessoas que sofrem com a perda auditiva. Pouca gente sabe, mas os deficientes auditivos têm direito a ter acesso a intérpretes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em órgãos públicos e universidades.

Sabendo que o ouvido humano consegue captar de 20Hz até 20.000Hz, a pessoa que não possui deficiência auditiva, com menos de 20 anos, consegue captar 19.000Hz. Ao passo que a pessoa com deficiência auditiva consegue captar sons graves a partir de 500hz a 3.000Hz. Diante dessa perspectiva, a velocidade da frequência é tão rápida que torna os sons invisíveis. A frequência sonora, por exemplo, funciona como uma luz de led pequena rodando em 360°, aumentando sua velocidade a ponto de transformar um círculo perfeito de luz. Além disso, a perda auditiva também ocorre com a idade: a pessoa com 30 anos consegue captar 17.000Hz; a de 40 anos consegue captar 16.000Hz e a de 80 anos 10.000hz sons agudos. Essas observações são válidas para a pessoa que não tem deficiência auditiva.

A lei número 10.436 de 2002 reforça a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como alternativa para as pessoas com algum grau de surdez, o que certamente contribui para a assimilação de aprendizagem e garante o acesso à Educação. Infelizmente, não consegui ter acesso a essa informação, pois sempre escondi minha deficiência, por medo das críticas ou mal olhares. Quando finalmente me aceitei, nunca fui informado pela escola que eu tinha esse direito, somente na faculdade descobri a Libras.

Nesse contexto, a célula aguda responsável pela compreensão se transforma na fonética distorcida, o que influencia bastante no desenvolvimento da pessoa com deficiência auditiva emocionalmente, porque envolve traumas pessoais. Vale ressaltar que a interação social sem apoio pode resultar em *bullying*, ansiedade, medo, dificuldade na fala e baixa autoestima. Nesse contexto, traumas psicológicos podem ser confundidos como uma personalidade antissocial, pois a pessoa com deficiência auditiva prefere ficar isolada para evitar confronto, finge escutar evitando a ignorância da pessoa e evita perguntar várias vezes por não entender. Diante dessa perspectiva, é importante acolher essa pessoa com empatia e paciência, porque suas dificuldades requerem repetição ou compreensão por parte das pessoas próximas.

Segundo a compreensão da fonética, novos meios de adaptação surgem ao longo do tempo. A pessoa com deficiência auditiva tende a compreender melhor olhando diretamente para seus lábios, iniciando um processo de leitura labial. No entanto, esse processo requer um esforço mental para decifrar o movimento. Por exemplo, a pessoa com deficiência auditiva oralizada consegue identificar palavras devido à repetição da leitura labial. Certamente, a leitura labial é uma estratégia complementar para comunicação através da leitura. Neste âmbito, a leitura labial é um caminho importante na busca pelo desenvolvimento da fala. O fonoaudiólogo é o profissional responsável por essa ferramenta incrível, que pode mudar completamente a interação social. Atualmente, percebo a importância da leitura labial por causa de muitas situações em que as pessoas falam baixo. Acostumei-me com certas palavras labiais que conseguir entender mesmo sem ouvir. Porém, não tive noção que estava realizando leitura labial e pretendo aprofundar essa habilidade.

Além disso, Educação Inclusiva dá a ideia de incluir, garantindo o acesso universal à Educação e aprendizagem para todos. No contexto histórico, as pessoas com deficiência eram excluídas da sociedade, o que também era válido para o sistema de ensino, sendo consideradas menos capazes. Sabe-se que os primeiros interessados nas aprendizagens das pessoas com deficiências foram os médicos, que, através de diagnósticos, descobriram que as crianças com deficiência intelectual podem aprender dentro de suas limitações. Sabendo que a Educação é de todos e para todos, serão necessários material pedagógico e estratégias de ensino, necessários para efetuar uma Educação de qualidade. As pessoas com deficiências, comunidades, alunos, gestores e professores trabalhando juntos conseguem desenvolver esse papel de incluir. Em âmbito qual âmbito?, foi promulgada a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), em 2007, na perspectiva de garantir acesso à Educação de qualidade, evitando segregação de crianças com deficiências em escolas especiais.

Nesse sentido:

A LBI é uma grande conquista na medida em que vai na contramão desse passado histórico, definindo a deficiência como atributo que não pode ser descolado do contexto, uma vez que se dá na interação de uma pessoa que possui uma ou mais características que divergem do padrão com barreiras. Em outras palavras, a deficiência – seja ela de que ordem for – só existe na relação com um mundo repleto de impedimentos para a plena inclusão da pessoa que a possui. As barreiras podem ser arquitetônicas (portas estreitas, banheiros não adaptados, por exemplo); urbanísticas (calçada desnivelada, falta de piso tátil e sinal sonoro em semáforos, entre outros); nos transportes (ausência de rampas e corrimão); na comunicação (ausência de Libras, legendas, texto alternativo, etc.); tecnológicas (que impedem o acesso à tecnologia); e/ou atitudinais (INSTITUTO UNIBANCO, 2020)

Isto posto, usarei como base, na minha formação, explorando ao máximo o público-alvo da Educação Especial e promover a inclusão conhecendo cada um. Além disso, minha inspiração se origina do pedagogo Telmo Pereira, com deficiência auditiva, que trabalha, há 20 anos, como professor. Sofreu um acidente ainda jovem e o mundo silenciou para ele. Graças à leitura labial ele enfrentou as barreiras da deficiência auditiva (REVISTA NOVO TEMPO, 2015)

## **Metodologia**

Esse artigo é baseado no relato experiencial, utilizando o método autobiográfico e pessoal, coloco-me como referência ao longo do texto. O objetivo é mostrar minha trajetória e experiência sendo estudante com deficiência auditiva bilateral. Além disso, segue na construção do estudante universitário apesar das limitações da deficiência auditiva. Marcelo é o próprio autor e pesquisador do artigo, utilizando a verdadeira identidade. No entanto, mostra a realidade da pessoa com deficiência auditiva biológica e socialmente. A trajetória será dividida em quatro etapas: Ensino Fundamental, Ensino Médio, antes e depois do ingresso no Ensino Superior, mostrando todo o processo de adaptação e evolução da deficiência auditiva no ambiente educacional.

## **Análise de Dados**

Segundo minha análise de dados, conto detalhadamente os principais acontecimentos marcantes. Em alguns momentos do texto, Marcelia, minha mãe, também com deficiência auditiva bilateral severa, conta alguns momentos marcantes. É notório que as Artes Cênicas transformaram minha vida: trouxeram a comunicação com outras pessoas sem medo de crítica, porque trabalham com falas prontas apesar de ninguém saber da minha dificuldade. Devido à minha ausência de interação em sala de aula, no teatro, senti-me livre para interagir. Nesse propósito, as Artes Cênicas trabalham a interação social, os meios de comunicação, a memória e amenizam problemas com ansiedade. Vale ressaltar a importância da Arte no desenvolvimento educacional e emocional na construção da vida. Assim, segue minha trajetória de pessoa com deficiência auditiva no ambiente educacional.

Meu nome é Marcelo. Tenho deficiência auditiva bilateral. Quando eu tinha 7 anos, identifiquei meus primeiros gatilhos de perda auditiva através de desenhos como Pica-Pau, Pokémon e Digimon. Eu facilmente me desligava das frases, informações, estudos devido à distorção das palavras, no entanto, não o suficiente para identificar a perda auditiva. No sexto ano, quando completei 11 anos, mudei de escola. No meu primeiro contato com Inglês, tive maiores necessidades de repetições de frases. Do mesmo modo, quando a professora de Português iniciava uma atividade de leitura, tinha pavor, porque eu não conseguia escutar, meus amigos começavam a rir, minha professora ficava aborrecida por achar que eu não estava prestando atenção. A professora de Português acreditava que eu tinha déficit de atenção e recomendou mudar de escola. Minha mãe insistiu em não aceitar a proposta. Marcelia, minha mãe, possui perda auditiva severa, porém nunca houve suspeita da possível hereditariedade da deficiência auditiva por falta de informação e a dificuldade de escutar essas informações. Nesse contexto, tive que me esforçar para prestar atenção, pois a descoberta da perda foi tardiamente. Assim sendo, as pessoas não compreendiam nossa dificuldade e ficavam aborrecidas pela repetição dessas informações. Na sétima série, aos 12 anos, eu descobri sobre minha perda auditiva através da audiometria, que identifica o grau da perda: foi considerada moderada bilateral. Através dessa descoberta, fiquei isolado devido à perda se tornar perceptível pelos meus colegas. Alguns ficavam falando baixo, provocando meu erro de falar coisas sem sentido, pois não consigo escutar corretamente dependendo do tom de voz. Tinha medo de perguntar novamente evitando piada. Partindo dessa circunstância, a professora de Matemática teve a sensibilidade de ensinar quantas vezes fosse necessário, mesmo sem saber da perda auditiva. Certamente fiquei admirado com essa atitude, reforçando a ideia de ser professor. Neste âmbito, passei a interagir com as pessoas através das matérias nas quais eu me destacava: assim eu conseguia falar próximo da pessoa e estimular meus amigos a aprender. Na época da 8ª e 9ª série, entre 13 a 14 anos, comecei a perder conteúdos devido ao aumento da perda auditiva. Os professores de História, Química e Português falavam baixo. No começo, ainda tentei pedir para falarem mais alto, mas se torna algo desgastante e aceitei a situação por medo de causar ignorância ou piada junto à turma. A questão de aborrecimento é comum. Marcelia, minha mãe, tem deficiência auditiva bilateral severa e tento ajudá-la a compreender devido à perda ser maior. No entanto, em algumas instituições, chegamos a ser maltratados devido à dificuldade de entender. Segundo relato experiencial de Marcelia, ela conta que houve aborrecimento... A secretária se levantou e falou: você é não surda não, porque você está me ouvindo - isso em 2014. Segundo a revista CEFEC, que estuda a análise da fonética das crianças com deficiência auditiva, a dificuldade de entender é porque, em algumas palavras, há sons agudos que podem ser facilmente apagados, por exemplo, “pé de pano” e “pé de fano”. Existem classe de letras que podem ser confundidas (f/p/s/) e, entre outras palavras, esse processo é chamado de apagamento de palavras. Logo, isso acontece porque a pessoa com deficiência auditiva consegue captar sons graves até 4.000Hz. Sons agudos a partir de 7.000Hz tornam-se imperceptíveis (Longo. Vera, 2005)

Infelizmente, situações assim tornam-se muito comuns, pois, nessa época, não tínhamos aparelho auditivo para comprovar a deficiência. Mesmo atualmente, usar aparelho ainda é visto com olhar de preconceituoso pela sociedade. Eu, como educador, pretendo abranger a compreensão e empatia diante das pessoas com deficiência para diminuir esse olhar maldoso diante da diversidade. Pretendo educar as crianças para conhecer a diversidade e construir uma sociedade colaborativa e compreensiva. Segundo Ricardo, a deficiência auditiva é uma deficiência física que não desenvolve nenhum problema cognitivo. Podem ser desenvolvidas as mesmas habilidades da pessoa ouvinte, porém existem meios distintos de aprendizagens. A pessoa com deficiência auditiva precisa de intérpretes de Libras desde cedo, pois o aluno consegue ter a mesma qualidade no ensino, professores que também saibam

Libras e explicam detalhadamente para o aluno. Incluir esse estudante diante dos alunos ouvintes, implementando a Libras como inclusão (Ricardo, 2018)

## Ensino médio

No primeiro ano do Ensino Médio, ao completar 15 anos, minha perda auditiva foi camuflada, eu me adaptei à leitura labial, melhorando levemente a comunicação. Porém, estava dominado pela ansiedade, medo e angústia. Alguns professores notaram esse meu afastamento da interação social, dando a impressão de ser antissocial. Então foram abertas vagas para peças de teatro da escola. Minha professora de Português e Literatura me indicou: aceitei ansiosamente e, a partir daquele momento, voltei a interagir, despertando o que estava preso. O Teatro me levou a participar de novas peças, novos seminários, tornando-me influente e finalmente vivendo. Eu sempre sonhei em ser uma pessoa marcante na escola, que fez a diferença na vida das pessoas. Diante das minhas perspectivas, sonhava em ser You tuber, professor e ator. No segundo ano do Ensino Médio, aos 16 anos, continuei buscando fazer coisas novas. Minha professora de Matemática esteve sempre ajudando, apesar de não saber da minha dificuldade, ela me mostrou como é o papel do professor na vida do aluno. Apesar das pessoas não saberem sobre minha deficiência, continuei me esforçando, aprendendo ao máximo e observando o ser professor. Eu decidi nunca parar de aprender e continuar na escola, sentir como se fosse uma segunda casa. No último ano do Ensino Médio, aos 17 anos, tudo mudou. Finalmente recebi meu aparelho auditivo. Minha primeira reação ao escutar tudo ao meu redor me tocou profundamente. Finalmente me reconheço como pessoa com deficiência auditiva bilateral. Todos ficaram espantados, pois não esperavam uma dificuldade tão específica e invisível aos olhos das pessoas. Todos passaram a me admirar pela coragem de enfrentar tudo apesar das limitações de ouvir. Meus colegas passaram a ter cuidado e compreensão. Após esses acontecimentos, ganhei confiança por parte da turma, passando a me colocar diante da sociedade pois, sou público-alvo da Educação Especial. Enfrentar todas essas dificuldades sem acompanhamento psicológico ou acadêmico foi uma longa jornada. Logo, devemos nos preocupar com aqueles que não tiveram acompanhamento e não conseguiram entrar na universidade, evitando a evasão das pessoas com deficiência no ambiente educacional.

## Preparação para entrar na Faculdade

Após ter feito o ENEM de 2018, eu não estava confiante que conseguiria passar, apesar de ter estudado o suficiente. Minha professora de Matemática do sétimo ano estava sempre me motivando. Já sabendo da deficiência ficou ainda mais orgulhosa. Conversava comigo e minha mãe, sempre motivando para continuar estudando para o ENEM, acreditava que eu conseguiria passar. Porém, quando decidir fazer Pedagogia, sofri diversas mensagens negativas para evitar o curso de Pedagogia pelo lado familiar e de amigos, pois a profissão do professor não é valorizada. Além disso, falaram que eu não merecia entrar por cotas das pessoas com deficiências, falando para eu entrar na concorrência normal. Eu tenho limitações distintas, adaptações de aprendizagens diferentes, então não é justo ocultar minha deficiência e aprender de uma forma que dificulta meu estilo de aprender. Após o dia do resultado, fui desanimado ao colégio mostrar minha nota. “A coordenadora perguntou o motivo da tristeza, sendo que fui aceito na federal em primeiro lugar”. Fui prestigiado por todos os professores, todos me conhecem e sabem o quanto me dediquei. Eu não conseguia ver meu esforço, novamente os professores me levantaram, então decidi que era Pedagogia. Alguns meses depois, fui chamado para uma entrevista na TV Diário para contar sobre minha entrada na

UFC, aluno de escola pública e com deficiência auditiva, relatando minha trajetória e a importância do papel do professor na vida pessoas.

## **Após a entrada na Faculdade**

No meu primeiro semestre na Faculdade de Educação, aos 18 anos, no primeiro dia na faculdade, fui recebido e reconhecido pela equipe de acessibilidade como aluno com deficiência auditiva bilateral, sendo acolhido por todos, ganhando empoderamento da minha deficiência e aceitando ainda mais a minha identidade. Comecei então a apresentar palestras na Semana de Acessibilidade, sobre relatos pessoais e aprendendo Libras para se aproximar do mundo surdo. Além disso, fiz diversos amigos surdos e aprendi muito sobre a linguagem de sinais e suas histórias. O mundo surdo se assemelha bastante com os deficientes auditivos no que diz respeito à história escolar. Geralmente, algumas pessoas escutavam no começo e tornaram-se surdas no Ensino Médio ou no Fundamental. Alguns surdos optaram por não usar aparelho e comunicar através da Libras, outros optaram por leitura labial e aparelho auditivo. Histórias conectadas que merece compreensão e empatia.

Um dia, eu estava no ônibus e encontrei uma criança surda. Todos olhavam com olhar enviesado, pois não sabiam que ele era surdo. Comecei a me comunicar com a criança pela linguagem de sinais e começamos a conversar sobre seus coleguinhas, brincadeiras e todo mundo passou a olhar com respeito para a criança. A partir desse momento, tive certeza que incluir a criança desde cedo pode beneficiar positivamente no seu desenvolvimento, pois ser uma pessoa com deficiência na sociedade é difícil, mas devemos lutar para continuar melhorando a inclusão.

## **Conclusão**

Concluimos que a educação inclusiva trabalha sempre baseada na ideia de incluir as pessoas com deficiências, dando voz e acesso para questionar e melhorar a educação para todos. Certamente, a vida da pessoa com deficiência auditiva é auxiliada na perspectiva de acolher e contribuir com novas aprendizagens, pois a criança, adolescente, adulto ou idoso com deficiência auditiva será incluído na sociedade com empatia e compreensão, construindo aos poucos um trabalho coletivo e harmônico.

Diante desse relato experiencial, podemos apresentar as principais dificuldades da deficiência auditiva como fingir escutar, se reprimir, dificuldade de entender e ouvir. Além disso, ser uma pessoa com deficiência auditiva bilateral no ambiente educacional mostra as fragilidades que acontecem de formas discretas e cansativas, mas a leitura labial e a linguagens de sinais partir da infância garantem um ensino de qualidade para o aluno com deficiência auditiva.

Além disso, quero deixar minha contribuição, alertando que, em aulas teóricas com vídeo e/ou filme, seja sempre usada a legendagem, o que facilita acompanhar o filme com qualidade. Em âmbito, o professor deve estar sempre visível para o aluno com deficiência

auditiva para acompanhar a leitura labial; caso use barba longa, por favor, fale mais alto. No entanto, intérprete também é direito da pessoa com deficiência auditiva, então motive o aluno desde cedo, assim terá maior qualidade do ensino e da aprendizagem dos conteúdos. Mas se o aluno usa aparelho auditivo, esteja sempre claro o tom de voz normal, pois ele terá sensibilidade a ruídos; esteja sempre em contato com o aluno sobre ruídos. Diante dessa perspectiva, evite falar de longe, falar de costas, falar baixinho, repita quantas vezes for necessário, tenha empatia, pois sua impaciência pode causar fingimento de escutar.

Isto posto, estou dando voz à minha pessoa com deficiência auditiva sendo aluno e futuramente professor com deficiência auditiva. Estarei sempre lutando pela inclusão e assim farei minha parte como educador, acolhendo as crianças, adolescentes e adultos com deficiência auditiva e outras deficiências também, compreendendo seus passos e promovendo vínculos entre a gente, fazendo valer nossos direitos e conquistando reconhecimento. Certamente, irei sempre no primeiro dia aula conversar com meus alunos perguntando sobre cada um, conhecendo um pouco de suas histórias. Irei utilizar ao máximo a linguagem de sinais, estando sempre preparado para lidar com alunos surdos ou deficientes auditivos. O material estará sempre legendado e me colocarei também como pessoa com deficiência compartilhando experiência e construindo a inclusão acolhendo e conhecendo.

## Referências

BORGES. M. C. H. PEREIRA. O. S. AQUINO. O. F.. **Inclusão versus integração a problemática das políticas e da formação docente.** Revista Ibero-americana de educação (ISSN 1681-5653).

BOSCOLO. C. C. SANTOS. M. M. T. **A deficiência auditiva e a família sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiência da audição.** Distúrbios da comunicação, São Paulo 17(1):69-75 abril, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília DF: casa civil, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acessado em: 11 out. 2021

BRASIL. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**, dispõe sobre Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Brasília DF: casa civil, 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm). Acessado em: 10 out. 2021

CARVALHO. P. F. M. RIBEIRO. Q. A. F, 2002. **As deficiências auditivas relacionadas às alterações do DNA mitocondrial.** Ver Brás otorrinolaringol V.68, n.2, 268-75, mar./abr 2002.

INSTITUTO UNIBANCO. **Educação inclusiva: um direito inegociável.** São ....., 2020. Disponível em: [https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimidia/detalhe/educacao-inclusiva-um-direito-inegociavel?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=gh\\_conj\\_educacao\\_inclusiva&utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=11358183974&utm\\_content=128454687540&utm\\_term=o%20que%20C3%A9%20educa%C3%A7%C3%A3o%20inclusiva&gclid=Cj0KCQjwnoqLBhD4ARIsAL5JedLWyhq5h1k\\_6CEa8ptxX3hyg11s16Jq2JZX E6uBcXvp7UmORogJU7QaAqdTEALw\\_wcB](https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimidia/detalhe/educacao-inclusiva-um-direito-inegociavel?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=gh_conj_educacao_inclusiva&utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=11358183974&utm_content=128454687540&utm_term=o%20que%20C3%A9%20educa%C3%A7%C3%A3o%20inclusiva&gclid=Cj0KCQjwnoqLBhD4ARIsAL5JedLWyhq5h1k_6CEa8ptxX3hyg11s16Jq2JZX E6uBcXvp7UmORogJU7QaAqdTEALw_wcB). Acessado em: 01 out. 2021.

GATTO. I. C. TOCHETTO. M. T. **Deficiência auditiva infantil: implicações e soluções.** Ver CEFAC, São Paulo, v.9, n.1,110-15, jan-mar, 2007.

LONGO. PEREIRA, Kamile; GARCIA, Vera Lucia **ANÁLISE DA PRODUÇÃO FONÉTICA DE CRIANÇAS DEFICIENTE AUDITIVAS.** Revista CEFAC, vol. 7, núm. 4. Outubro- Dezembro, 2005, pp. 473-482.

MANUAL DO MUNDO: **Você está perdendo audição e eu vou provar:.** You tube, 2020. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://youtu.be/uoxtAXN2tnI>. Acessado em 09 out 2021.

NÚCLEO DO CONHECIMENTO. **A importância da Inclusão do aluno com deficiência auditiva na escola de ensino regular de naviraíMS um estudo de caso.** São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/pedagogia/aluno-com-deficiencia-auditiva>. Acessado em: 05 nov. 2021.

REVISTA NOVO TEMPO: **Deficiente auditivo supera dificuldades e realiza sonho de se tornar professor I jornal novo tempo:.** You tube, 2015. 1 vídeo ( 6 min ). Disponível em: [https://youtu.be/ktSN\\_Mj7E\\_8](https://youtu.be/ktSN_Mj7E_8) acessado em 18 out 2020.

SANTA RECEITA: **Esclareça suas dúvidas sobre a deficiência auditiva e surdez:.** You tube, 2020. 1 vídeo (20 min). Disponível em: <https://youtu.be/2KQO7SYdbDU>. Acessado em: 05 out. 2021.

SILVA. L. T.;VECCHIA. A. D. **Uma análise da língua brasileira de sinais no dia a dia da sala de aula.** Revista Desempenho. N.26, v.2, 2016.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

SILVA, Marcelo Augusto Lima da; SALES, Jefferson Falcão. Como me Tornei um Estudante Universitário, apesar das Limitações da Deficiência Auditiva Bilateral. **Id on Line Rev. Psic.**, Dezembro/2021, vol.15, n.58, p. 635-647, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 30/11/2021;

Aceito 03/12/2021;

Publicado em: 30/12/2021.